

## CACE OU SEJA CAÇADO

### A presença da sombra na série *House of Cards*<sup>1</sup>

Mayra Domingues IDOETA<sup>2</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

#### Resumo

O objeto deste ensaio é a série estadunidense *House of Cards*. O que pode estar estimulando a expressiva procura por essa produção? Partindo da hipótese de que a presença de elementos mítico-arquetípicos, especialmente do arquétipo da sombra, na construção dos seus protagonistas atrai o público, pretende-se observar como esses aspectos se mostram na afirmação do personagem principal de que existe apenas uma lei: cace ou seja caçado. Em um primeiro momento do texto se descreve do que se trata essa série. Em seguida, a partir do método da compreensão, é proposto um diálogo entre os saberes que fundamentam esta reflexão, que são a noção de arquétipos, especialmente o da sombra, a Jornada do Herói e a Jornada do Escritor. Esses dois primeiros momentos sustentam o terceiro, no qual é feita a interpretação de como essa mentalidade apresentada na série pode atrair o público.

**Palavras-chave:** comunicação audiovisual; ficção seriada; *House of Cards*; sombra; compreensão.

Este ensaio está vinculado a uma pesquisa de mestrado que está sendo desenvolvida pelo autor, que está dentro da linha de pesquisa “Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento”, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero. Tanto este ensaio quanto o trabalho de mestrado são partes integrantes do projeto de pesquisa “A Compreensão como Método”, do grupo de pesquisa “Comunicação, Diálogo e Compreensão”.

#### A série estadunidense *House of Cards*

O objeto de estudo desta pesquisa, a versão contemporânea de *House of Cards* (2013 – atualmente), é a primeira série original produzida pelo Netflix, serviço online que oferece uma seleção de produtos midiáticos via *streaming* para seus assinantes. Por se tratar de uma produção original Netflix, a série é distribuída exclusivamente pela empresa desde sua estreia. Ela é produzida pela MRC, que é uma produtora estadunidense independente

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Comunicação da FCL, email: ma88brtv@gmail.com.

especializada na realização de produtos *premium*, que são conteúdos oferecidos exclusivamente para quem paga uma taxa para assisti-lo.

A tradução atual de *House of Cards* consiste em uma adaptação da série televisiva britânica *House of Cards*, produzida e distribuída pela BBC (British Broadcasting Corporation) em 1990. Esta, por sua vez, trata-se de uma adaptação televisiva do livro homônimo, escrito pelo britânico Michael Dobbs e lançado em 1989.

A narrativa da série estadunidense *House of Cards* se passa em Washington D. C., nos dias atuais. A história é centrada no casal Frank Underwood e Claire Underwood ambos determinados em alcançarem cada vez mais poder.

Um dos principais elementos de Frank Underwood em *House of Cards* é que ele se comunica com o público. O protagonista conduz essa conversa sem que os outros personagens notem seu direcionamento à quarta parede. Esse diálogo se assemelha aos feitos em *Richard III*, de Shakespeare. Frank é sempre sincero com o público, eventualmente empregando um humor sarcástico. O espectador é, para ele, uma espécie de confidente.

Como uma Lady Macbeth atual, Claire Underwood friamente alimenta a ambição do seu marido e aplaude os seus vícios, mas nunca as suas fraquezas.<sup>3</sup> O espectador a conhece apenas à medida que ela permite que o seu mundo interior venha a se manifestar, seja aos demais personagens, seja para ela própria.<sup>4</sup>

Tanto o Netflix<sup>56</sup> como o criador da série, Beau Willimon,<sup>7</sup> e o produtor executivo e ator principal, Kevin Spacey,<sup>8</sup> concordam que o fato de o contrato entre a MRC e o Netflix permitir liberdade de criação aos realizadores, sem restringi-la ao sucesso do episódio piloto

---

<sup>3</sup> STANLEY, Alessandra. Political Animals that Slither: “House of Cards” on Netflix Stars Kevin Spacey. **New York Times**, 31 jan. 2013. Disponível em: <[http://www.nytimes.com/2013/02/01/arts/television/house-of-cards-on-netflix-stars-kevin-spacey.html?\\_r=0](http://www.nytimes.com/2013/02/01/arts/television/house-of-cards-on-netflix-stars-kevin-spacey.html?_r=0)>. Acesso em: 14 mar. 2016.

<sup>4</sup> CORNET, Roth. House of Cards – season 1 review. **IGN Entertainment**, São Francisco, 5 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.ign.com/articles/2013/02/06/house-of-cards-season-1-review>>. Acesso: 17 fev. 2016.

<sup>5</sup> NETFLIX. **Life at Netflix**. Disponível em: <<https://jobs.netflix.com/>>. Acesso em: 29 jul. 2015.

<sup>6</sup> BLAKE, Meredith; MEG, James. Amazon’s Woody Allen series deal marks big step in creative strategy. **Los Angeles Times**, Los Angeles, 13 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.latimes.com/entertainment/tv/la-et-st-amazon-woody-allen-20150114-story.html>>. Acesso em: 05 nov. 2015.

<sup>7</sup> BEAU WILLIMON. In conversation with *House of Cards* creator Beau Willimon. Entrevista concedida a Michael Eisner em 28 jun. 2014. **Aspen Ideas Festival**, Washington. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uK2xX5VpzZ0>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

<sup>8</sup> KEVIN SPACEY, ROBIN WRIGHT. Interview 2014: *House of Cards*. Entrevista concedida a **Reality Heroes** em 29 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SrFz9WliqxI>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

da série, contribui para que essa produção seja bem aceita pelo público, pela crítica e pela mídia.

As temporadas de de *House of Cards*, cada uma delas englobando treze episódios de cinquenta e cinco minutos cada um, foram lançadas, respectivamente, em fevereiro de 2013, 2014, 2015 e em março de 2016. No momento em que uma nova temporada é lançada, todos os seus episódios são oferecidos ao mesmo tempo.

Considerando que esse tipo de contrato também está sendo feito por emissoras televisivas, Willimon e Spacey<sup>9</sup> enfatizam que o processo de criação de *House of Cards* não se difere do televisivo, mesmo que seja distribuído por uma plataforma como o Netflix.

O criador da série<sup>10</sup> acrescenta que o que atrai o público e aumenta o reconhecimento por parte da crítica de arte é a liberdade de criação para tratar sobre questões da psique humana que parecem imprevisíveis, na medida em que englobam temáticas que não se explicam ou não se definem. Exemplos dessas questões são o anseio humano por poder e, com isso, a persuasão e a complexidade das relações humanas.

Para que se possa ter uma noção da repercussão que essa série está tendo na atualidade, em um estudo feito em 2015 pela Sandvine<sup>11</sup>, uma empresa especialista em tendências do tráfego de internet, aponta-se que, no dia da emissão da terceira temporada da série estadunidense *House of Cards*, em 1º de março de 2015, o tráfego de rede do Netflix chegou a representar o uso da metade da banda disponível nos EUA.

Essa série tem tido uma boa recepção da crítica de arte estadunidense, representada em prêmios como *Golden Globe Awards*<sup>12</sup> e o *Emmy Awards*<sup>13</sup>. A série estadunidense *House of Cards* recebeu dois prêmios do *Golden Globe* no ano de 2015 e 2014 e seis prêmios do *Emmy Awards*, em 2015, 2014 e 2013. A produção estadunidense *House of Cards* é a primeira série transmitida somente pela internet a receber premiações no *Emmy Awards*. Ela

---

<sup>9</sup> KEVIN SPACEY, ROBIN WRIGHT. Interview 2014: *House of Cards*. Entrevista concedida a **Reality Heroes** em 29 mai. 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=SrFz9WliqXI>>. Acesso em: 12 mai. 2015.

<sup>10</sup> WILLIMON, Beau. In conversation with *House of Cards* creator Beau Willimon. Entrevista concedida a Michael Eisner em 28 jun. 2014. **Aspen Ideas Festival**, Washington. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uK2xX5VpzZ0>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

<sup>11</sup> Sandvine: in the Americas, Netflix + Google + Facebook = the Internet?. **Sandvine**, 28 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.sandvine.com/PR/2015/5/28/SANDVINE-IN-THE-AMERICAS-NETFLIX-GOOGLE-FACEBOOK-THE-INTERNET.HTML>>. Acesso em: 14 out. 2015.

<sup>12</sup> O *Golden Globe* é um prêmio estadunidense baseado nos votos de noventa e três membros da *Hollywood Foreign Press Association* (HFPA) que reconhecem, desde 1943, a excelência no cinema e na televisão, tanto nacionais quanto estrangeiros.

<sup>13</sup> O *Emmy Awards* tem a função de reconhecer a excelência na indústria da televisão estadunidense constituindo uma referência de reconhecimento de colegas da indústria televisiva.

também é a primeira série distribuída dessa maneira a receber um prêmio de melhor atriz no *Golden Globe*. Nesses três anos, ela também recebeu mais quatorze prêmios de outras instituições<sup>14</sup>.

### **Notas sobre o pensamento compreensivo**

A proposta da compreensão é colocar saberes possíveis e experiências humanas em uma mesma roda de conversa (KÜNSCH, 2004). A ideia é tentar perceber conexões, buscando uma visão complexa do mundo e da vida.

A abertura para diferentes saberes leva em consideração um diálogo despreocupado com conhecimentos não-rationais, como o mito, as narrativas, o entretenimento e o mistério, os quais são ferramentas do ser humano para se aproximar do mundo e da vida, tecendo significados.

A narrativa está ligada à produção de sentidos pertinentes sobre aquilo que não se consegue e nem precisa ser explicado, aquilo que é incerto, misterioso. Ela consegue revelar elementos que constituem a essência de diversas interrogações humanas, as quais são levantadas, muitas vezes, no próprio dia a dia. Nesse aspecto, a narrativa é uma necessidade vital do ser humano, ela é essencial e desde sempre participa da natureza humana – a qual precisa dar sentidos possíveis, assim como necessita de água para beber e de ar para respirar (KÜNSCH, 2010).

Partindo dessas ideias principais sobre o sentido cognitivo da compreensão, Künsch (2010) acredita que conhecemos e compreendemos melhor o mundo sempre que dele nos aproximamos compreensivamente.

### **Diálogos com a noção de complexidade**

Morin (2000) relaciona a ideia de egocentrismo ao que ele chama de *self-deception*, que significa enganar-se, autojustificar-se, endeusar-se, e também se refere à tendência de lançar sobre os outros o peso dos nossos próprios males. Essa projeção faz a pessoa enxergar de modo pejorativo o que os outros dizem ou fazem. Se o indivíduo for cultuado, se o seu ego for supervalorizado, há dificuldade em não julgar a si próprio e ao mundo exterior em não ver a si mesmo e aos outros de modo simplista, reduzido, fechado.

---

<sup>14</sup> IMDB. House of Cards (2013-) Awards. Disponível em: <<http://www.imdb.com/title/tt1856010/awards>>. Acesso em: 07 jul. 2016.

Essa noção de Morin (2000) conversa com a de Künsch (2008), que sugere que a falta de conscientização quanto às próprias escolhas e atitudes está ligada à incomunicação e à incompreensão de si próprio e do mundo. Essa carência de conscientização está vinculada a uma ausência de autocrítica, à falta de diálogo com o que é incerto, misterioso ou estranho. Mascaram-se as próprias angústias, fragilidades e fraquezas.

A incompreensão destrói as relações humanas. Ela tem o potencial de motivar a violência, a agressividade e o ódio, assim como estas podem, por sua vez, impulsionar a incompreensão, representando uma relação cíclica. Esses sentimentos fazem parte do ser humano, e este não vive sem eles. Mesmo assim, é significativo considerar o diálogo entre essas emoções (MORIN, 2000).

A ligação entre a tendência em repelir o que não se quer ver em si mesmo e a dificuldade de se relacionar com os outros diz respeito à inconsciência de que todas as pessoas necessitam de mútua compreensão. O ser humano precisa dialogar com as próprias fragilidades para conseguir enxergar o outro como alguém que também tem fraquezas, carências e insuficiências. Conhecer, afinal, aparenta ser uma aventura incerta, frágil e difícil (MORIN, 1984).

### **Interloquções com o inconsciente, os arquétipos e a sombra**

O inconsciente coletivo diz respeito ao que é inato, à hereditariedade, ao biológico, ao universal, ao humano (JUNG, 2000). Ele é composto essencialmente de arquétipos, os quais se originam da repetição de vivências humanas armazenadas no inconsciente coletivo.

O arquétipo representa a possibilidade de um tipo de percepção e ação. Quando algo ocorre na vida que corresponde a um arquétipo, ele é ativado e se impõe de modo instintivo sem que seja possível controlá-lo racionalmente (JUNG, 2000).

Uma noção importante no pensamento junguiano é a de persona. Por persona Jung (2000) entende o processo individual de adaptação, as máscaras que as pessoas podem assumir ao entrar em contato com diversos contextos. A persona representa um compromisso do indivíduo perante a sociedade a respeito de como ele deve aparentar e se comportar em diferentes situações. Ela tem dois propósitos. Um é criar algum tipo de impressão nas outras pessoas. O outro consiste em esconder e, dessa maneira, tentar proteger o interior das pessoas, a face que elas evitam mostrar ao mundo (JUNG, 2008a). Jung (1972) enfatiza que a persona se relaciona à forma como cada um se deixa ver, e não como cada um é.

Identificar-se com a persona significa identificar-se com uma máscara, com uma fachada, em vez de se reconhecer no mundo interior que constitui o ser humano.

Jung (2000) trata sobre o arquétipo da sombra como aquilo que não se quer enxergar em si próprio. O encontro com a sombra é o primeiro passo para o autoconhecimento, e é através dele que é possível se aproximar da essência humana (JUNG, 1994). É quando se descobre a própria impotência, o que significa questionar uma possível supervalorização do ego e – num diálogo com o pensamento de Morin (2000) – colocar em xeque a *self-deception*.

A maioria das pessoas tende a fugir do encontro com a sombra. Há uma inclinação à incomunicação consigo mesmo. Se há uma constante fuga, a energia da consciência vai diminuindo, podendo até desaparecer, e reaparecendo na atividade cada vez mais intensa dos arquétipos (JUNG, 2002). Como a energia não pode perder-se por completo, ela produz um efeito equivalente nas profundezas, o qual aparece em uma nova forma, em um novo produto (JUNG, 1997).

No caso da sombra, o aumento de energia concentrada nela pode levá-la a possuir o indivíduo de modo que este se torna a presa de uma nova atividade autônoma, surgindo, assim, fenômenos de possessão que não partem do eu, mas da esfera sombria (JUNG, 2008a).

Mesmo que a fuga transmita uma aparente sensação de segurança, de força e de controle, na medida em que evita a sensação de impotência ao não se estar aberto à autocrítica, a ignorância pode enfraquecer o indivíduo até possivelmente destruí-lo (JUNG, 2000). Quanto mais o indivíduo se debilita, mais agressivamente ele age para tentar controlar a si mesmo. Quanto mais ele o faz, mais ainda se enfraquece. É um círculo vicioso que conduz à sua eventual destruição. Dialogando com o pensamento de Morin (2000), há uma relação cíclica entre esse tipo de comportamento e a incompreensão.

Assim com Künsch (2004), Jung (2000) também chama atenção para a importância do mito como fonte de conhecimento. Jung acredita que o mito possa ser considerado uma das formas de expressão dos arquétipos. Os mitos também podem ser vistos como manifestações da essência da alma, de seus dramas internos e inconscientes. A alma engloba todas as imagens que aparecem nos mitos (JUNG, 2000).

### **Jornada do Herói**

A jornada do herói representa uma jornada cíclica com uma mesma essência, uma natureza comum a todos os mitos. Campbell (2004b) chamou essa fundamentação comum entre as

diversas narrativas míticas de monomito. A jornada do herói é uma maneira atemporal de dar sentido ao inexplicável, ao inconsciente. Ela representa a vida vivida em termos de autodescoberta (CAMPBELL, 1990).

O primeiro momento dessa jornada se dá quando o candidato a herói – como Campbell (2004b) o chama – recebe uma chamada à aventura. Em seguida, pode haver uma recusa à chamada. A maioria das pessoas foge do primeiro passo em direção à aventura, que corresponde ao encontro com o mistério, a incerteza, a sombra (CAMPBELL, 2004b; JUNG, 2000). Essa recusa será aprofundada neste texto por se evidenciar na construção dos protagonistas da versão atual de *House of Cards*.

Nos mitos, a sombra é representada pelo monstro que tem de ser confrontado quando a chamada à aventura é aceita e se começa a adentrar no inconsciente. Caso o indivíduo tenha recusado diversas vezes essa chamada e, assim, acabou por enterrar a maioria da sua energia na própria sombra, ele fica sem acesso a essa força vital. Neste caso, o monstro desconhecido vem à tona para atacá-lo (CAMPBELL, 2004a).

### **Jornada do Escritor**

Propondo uma adaptação da jornada do herói para a produção de roteiros, Christopher Vogler elaborou *A Jornada do Escritor* (2007). O autor afirma que, na etapa da “recusa ao chamado”, que corresponde à mesma fase da jornada do herói, o aspirante a herói pode estar ciente de sentir-se infeliz com a vida da maneira como ela se apresenta e, mesmo assim, preferir manter-se confortável nessa realidade a encarar os seus problemas. Neste momento, como ainda não aceitou o chamado à aventura, ele ainda não está comprometido com a sua jornada.

Vogler (2007) acrescenta que o receio de mergulhar na jornada permite compreender que tal comprometimento do herói supõe uma coragem em arriscar-se para alcançar os seus objetivos. Esse momento também permite que ele reexamine a sua busca e talvez redefina os seus objetivos. Dessa maneira, uma aventura manifesta a possibilidade de ser uma experiência profunda do espírito.

Vogler (2007) concorda com Campbell (2004b) quando diz que, caso essa rejeição seja constante, à medida que os mecanismos de defesa começam a ser insuficientes, a chamada à aventura se inverte, manifestando como o mundo comum pode ser instável, advertindo à necessidade de enfrentar os desafios que aparecem no caminho. O personagem se transforma em uma vítima a ser salva, somente esperando a sua destruição.

Um personagem que usa o controle para mascarar uma ferida psíquica profunda manifesta uma humanidade que facilita a identificação por parte do público. Devido às pessoas não serem perfeitas, elas se identificam com personagens tão imperfeitos quanto elas (VOGLER, 2007).

Consegue-se interpretar elementos das representações mitológicas a partir de projeções da consciência humana (JUNG, 2000). A projeção acontece quando uma  pessoa  percebe as suas tendências inconscientes nos outros (JUNG, 2008b). Morin (2000) ilustra essa ideia dizendo que, ao ver alguém chorando, o sujeito tem a capacidade de interpretar os sentimentos desse seu par a partir de projeções.

### **Cace ou seja caçado**

No final do primeiro episódio da segunda temporada da série estadunidense *House of Cards*, após ter assassinado a jornalista Zoe Barnes, o protagonista, Frank Underwood, fala para o público:

Não desperdice um respiro da manhã, senhorita Barnes. Todo gatinho cresce para se tornar um gato. Eles parecem tão inofensivos no início – pequenos, quietos, lambendo seu pires de leite. Mas uma vez que as suas garras crescem o suficiente, eles arrancam sangue, às vezes da mão que os alimenta. Para nós que estamos subindo para o topo da cadeia alimentar não pode haver piedade. Existe apenas uma lei: cace ou seja caçado.<sup>15</sup>

Após essa fala, ele sai de cena e há um enfoque nas abotoaduras que a sua esposa lhe deu com as iniciais do seu nome, F.U., que, em inglês, pode indicar uma abreviação da expressão pejorativa “fuck you”, em português, “vá se foder”.

A princípio, na relação entre Frank e Zoe, um beneficia o outro. Interessado na ambição dela para conseguir furos jornalísticos antes da concorrência, Frank lhe fornece informações que, quando publicadas, são utilizadas pelo político como instrumento para ter mais poder em relação aos outros, ou, como ele diz, “para subir ao topo da cadeia alimentar”.

Antes de lhe passar a primeira informação, os dois conversam enquanto estão sentados em frente a um quadro em um museu.

Zoe vacila, dizendo a Frank que eles estão em uma área cinzenta – tanto num sentido ético quanto legal –, mas que ela não se importa com isso. Ele corta a sua fala e afirma que, a

---

<sup>15</sup> Fala original: “Don't waste a breath mourning Miss Barnes. Every kitten grows up to be a cat. They seem so harmless at first - small, quiet, lapping up their saucer of milk. But once their claws get long enough, they draw blood, sometimes from the hand that feeds them. For those of us climbing to the top of the food chain, there can be no mercy. There is but one rule: hunt or be hunted.”



partir daquele momento, eles estão em um mesmo barco. O político a alerta para não o tombá-lo porque ele só poderá salvar um dos dois de se afogar. Abaixo, pode-se ver essa imagem da série:

Figura 1 – Frank e Zoe conversando em frente a um quadro em um museu



Fonte: Sina Corporation<sup>16</sup>

À medida que a relação de ambos se desenvolve, Zoe começa a investigar Frank, desconfiando que ela própria tenha contribuído para que o protagonista tivesse ferramentas para matar um congressista. O gatinho ao qual Frank se refere em sua fala representa a jornalista, a qual a princípio parecia inocente, apenas se alimentando de furos jornalísticos, mas se torna madura e passa a ter informações significativas o suficiente para feri-lo.

A partir do momento em que Frank sente que Zoe começa a se tornar uma ameaça, ele a assassina. Após matá-la, ele declama para o público a fala citada anteriormente. Metaforicamente, como ela virou o barco em que os dois estavam juntos, ele, como a tinha avisado, só pôde salvar um dos dois de se afogar – no caso, ele mesmo. O protagonista começou a se sentir ameaçado por Zoe no instante em que enxergou o risco de perder

<sup>16</sup> Sina Corporation. Disponível em: < [http://entdata-pic.stor.sinaapp.com/2014050321/role\\_tv/5364eefa957b3.jpg](http://entdata-pic.stor.sinaapp.com/2014050321/role_tv/5364eefa957b3.jpg)>. 11 jul. 2016.

poder. Frank caçou antes de ser caçado. Ele manteve o poder e o controle sobre a jornalista para não perder o seu poder e o seu controle da situação.

Na mente do personagem principal, assim como na de sua esposa, Claire Underwood, o caminho em direção ao poder, ao topo da cadeia alimentar, não dá espaço para se ter piedade nem dos outros nem de si próprio. A autopiedade ameaça quem está nessa trajetória uma vez que a pessoa se sujeita a se tornar caçada por si mesma antes de ter caçado seus objetivos.

Outro exemplo desse tipo de comportamento dos Underwood pode ser observado em uma discussão entre ambos após Claire ter se expressado contra as políticas homofóbicas empregadas pelo presidente russo, Viktor Petrov. Ela faz isso por se sentir culpada pelo suicídio de um homossexual envolvido em manifestações contra essas políticas. A atitude de Claire dificulta a relação diplomática entre os Estados Unidos e a Rússia, o que acaba por atrapalhar o caminho dos Underwood em direção ao poder. Isso irrita Frank, o qual, nessa temporada, já ascendeu à posição de presidente do país, enquanto Claire ocupa o papel de embaixadora. Observa-se, abaixo, um trecho da discussão entre o casal:

Claire - Eu disse o que eu disse por ele. Não por mim, não por nós. Eu senti que lhe devíamos mais do que algumas palavras falsas. Eu quero que você saiba o porquê.

Frank - Eu não me importo com o porquê. Não me importa quais são as suas razões. Ele era um covarde e eu estou contente que ele esteja morto.

Claire - Ele tinha mais coragem do que você jamais terá.

Frank - Você realmente quer discutir sobre coragem, Claire? Porque qualquer um pode cometer suicídio ou abrir o bico na frente de uma câmera. Mas você quer saber o que requer coragem de verdade? Manter a boca fechada, não importando o que você possa estar sentindo. Manter a cabeça fria quando as apostas são assim elevadas.

Claire - Nós somos assassinos, Francis.

Frank - Não, não somos. Nós somos sobreviventes.

Claire - Se não podemos mostrar algum respeito por um homem valente e ainda realizarmos o que nos propusemos a fazer, então estou desapontada com nós dois.

Frank - Eu nunca deveria ter te tornado embaixadora.

Claire - Eu nunca deveria ter te tornado presidente.<sup>17</sup>

---

<sup>17</sup> Traduzido pela autora:

Claire – I said what I said for him. Not for myself, not for us. I felt we owed him more than a few false words. I want you to know why.

Frank – I don't care why. I don't care what your reasons are. He was a coward and I'm glad he's dead.

Nesse momento, ela se propôs a autocriticar os Underwood, através de um posicionamento compreensivo em relação tanto ao homem que se suicidou quanto ao próprio casal. Ao agir, a personagem não pensava em manter o controle da situação, em deixar o ego em posição de comando, sentindo-se segura, poderosa. Ela se permitiu dialogar com a própria sombra, criticando a si mesma e ao marido, chamando a ambos de assassinos.

Ela foi além da imagem que eles tentam construir, sem se preocupar em falar ou se comportar em função da máscara, da persona – no sentido junguiano do termo (2008a; 1972) – que eles sentem necessidade de sustentar para permanecerem no poder.

Ver-se a si mesma e ao marido como assassinos indica um possível início de conscientização quanto à gravidade das atitudes do casal. Dialogando com o pensamento de Jung (2000) e de Campbell (2004b), encarar a própria sombra poderia ser o começo de uma jornada de autoconscientização.

No entanto, como a crítica Roth Cornet<sup>18</sup> sugere, esse tipo de comportamento aparece na série somente como soluções temporários. Na maioria das vezes, como é o caso após essa discussão, os Underwood ignoram esses sentimentos para voltarem a se sentir seguros e no controle das situações.

Frank fala para Claire que eles são sobreviventes. Os dois não se deixaram ser caçados e, por isso, têm cada vez mais poder. No seu modo de pensar e de agir, não há espaço para as próprias incertezas e fragilidades. Ao manterem a boca fechada, eles não se abrem para questões internas. Fazendo referência a Campbell (2004b), eles não aceitam seguir em uma jornada ao encontro dos próprios monstros. Em conversa com o pensamento de Vogler (2007), pode-se dizer que eles usam o controle para mascarar feridas psíquicas.

Na mente do protagonista, não há possibilidade de ser compreensivo consigo mesmo e com o mundo exterior, de deixar de reprimir os próprios sentimentos, de se comunicar com a

---

Claire – He had more courage than you'll ever have.

Frank – Do you really want to discuss courage, Claire? Because anyone can commit suicide or spout their mouth in front of a camera. But you wanna know what takes real courage? Keeping your mouth shut, no matter what you might be feeling. Holding it all together when the stakes are this high.

Claire – We're murderers, Francis.

Frank – No, we're not. We're survivors.

Claire – If we can't show some respect for one brave man and still accomplish what we set out to do then I'm disappointed in both of us.

Frank – I should've never made you ambassador.

Claire – I should've never made you president.

<sup>18</sup> CORNET, Roth. House of Cards – season 1 review. **IGN Entertainment**, São Francisco, 5 fev. 2013. Disponível em: <<http://www.ign.com/articles/2013/02/06/house-of-cards-season-1-review>>. Acesso: 17 fev. 2016.

própria complexidade, de estar aberto para ver o que não se quer enxergar em si próprio, de dialogar com a própria sombra. No seu entender, Zoe foi caçada por não ter fechado a boca. À medida que a narrativa se desenrola, os Underwood se recusam cada vez mais a dar o primeiro passo em direção a uma jornada de autoconscientização, o que faz com que eles sejam gradualmente possuídos pela sombra e por seus monstros. Eles se desequilibram interiormente. O casal se sente mais e mais poderoso quando, ao contrário, está se tornando a cada passo mais impotente.

Não são tanto as questões políticas presentes no enredo que a série está preocupada em apresentar, mas o desejo de poder, o ego, em outras palavras, a natureza humana. Os personagens representam pessoas. Cornet acredita que essa história “destina-se a agir como uma exploração arquetípica”.<sup>19</sup>

Acontece o círculo vicioso ao qual Jung (2000) se refere, no qual, quanto mais a energia do ego diminui e a da sombra aumenta, mais violentamente precisa-se agir para tentar sobrepor o ego ao inconsciente, na busca de ter-se o controle de si próprio. E vice-versa: quanto mais agressivamente se age para deixar o ego no comando, mais a energia do ego é diminuída, enquanto a da sombra aumenta. Isso enfraquece gradativamente os Underwood.

Eles se mostram mais e mais possuídos por suas sombras. Há cada vez mais fenômenos de possessão que não partem do eu, mas da esfera sombria, chegando ao ponto de, ao fim da quarta temporada, os Underwood aparentemente não se sentirem culpados por serem responsáveis pela morte de alguém. Dialogando com Morin (2000), a incompreensão e a incomunicação podem impulsionar a violência, assim como esta também tem potencial para estimular a incompreensão e a incomunicação.

### **Considerações finais**

Percebe-se na mentalidade do casal, nessa lei em que os dois se guiam – de serem impiedosos e caçar antes de ser caçado –, a presença de elementos mítico-arquetípicos, em especial o arquétipo da sombra. Os Underwood mostram dificuldade em dialogar com ela e, com isso, dar o primeiro passo em direção a uma jornada de autoconscientização. Como Jung (2000) e Campbell (2004b) dizem, as pessoas tendem a ter essa dificuldade que é representada pelo casal.

---

<sup>19</sup> Texto original: “is meant to act as an archetypal exploration”.

Como Vogler (2007) salienta, o espectador é capaz de se identificar com personagens ao projetar as próprias feridas psíquicas, provocadas, por exemplo, dessa falta de contato com a sombra, apresentada na construção dos protagonistas de *House of Cards*.

Uma narrativa que trate sobre questões do inconsciente atrai, como Künsch (2010) defende, por oferecer sentidos possíveis para o que o ego e a razão não são capazes de explicar ou controlar.

Desse modo, faz sentido a ideia do criador da série estadunidense *House of Cards*<sup>20</sup> de que essa produção cativa o público (e gera identificação) pela construção de seus personagens abarcar questões da psique humana. Ela não só trata de tais questionamentos, como aborda, inclusive, uma tendência do ser humano em evitar ir ao encontro do que não quer ver em si próprio, dos medos, das incertezas, das inseguranças e das impotências.

A reflexão realizada neste ensaio oferece motivos para crer na hipótese de que a presença de elementos mítico-arquetípicos, especialmente do arquétipo da sombra, na construção dos protagonistas da versão atual de *House of Cards*, atraia o público.

## REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.

\_\_\_\_\_. *Pathways to Bliss: Mythology and Personal Transformation*. Novato: New World Library, 2004a.

\_\_\_\_\_. *The Hero with a Thousand Faces*. Princeton: Princeton University Press, 2004b.

JUNG, Carl Gustav. A Energia Psíquica. In: *Obras Completas de Carl Gustav Jung*, v. 8.1. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. *A Vida Simbólica*. Petrópolis: Vozes, 2008a.

\_\_\_\_\_. *O Homem e seus Símbolos*. Nova Fronteira, 2008b.

\_\_\_\_\_. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. v. 9/1. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. O problema do mal no nosso tempo. In: ZWEIG, Connie; ABRAMS, Jeremiah (Orgs.). *Ao Encontro da Sombra: o potencial oculto do lado escuro da natureza humana*. São Paulo: Cultrix, 1994. p. 192-195.

\_\_\_\_\_. Two Essays on Analytical Psychology. In: *Collected Works of Carl Gustav Jung*, v. 7. Princeton: Princeton University Press, 1972.

<sup>20</sup> WILLIMON, Beau. In conversation with *House of Cards* creator Beau Willimon. Entrevista concedida a Michael Eisner em 28 jun. 2014. **Aspen Ideas Festival**, Washington. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=uK2xX5VpzZ0>>. Acesso em: 19 abr. 2015.

\_\_\_\_\_. *Visions: Notes of the Seminar Given in 1930-1934 by C.G. Jung*. Princeton: Princeton University Press, 1997.

KÜNSCH, Dimas. Teoria compreensiva da comunicação. In: KÜNSCH, Dimas; DE BARROS, Laan M (Orgs.). *Comunicação: saber, arte ou ciência?*. São Paulo: Plêiade, 2008.

\_\_\_\_\_. *O Eixo da Incompreensão: A guerra contra o Iraque nas revistas semanais brasileiras de informação*. 2004. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – ECA-USP, São Paulo, 2004.

KÜNSCH, Dimas; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). *Comunicação, jornalismo e compreensão*. São Paulo: Plêiade, 2010.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, Brasília: Unesco, 2000.

VOGLER, Christopher. *The Writer's Journey: Mythic Structure for Writers*. Studio City: Michael Wiese Productions, 2007.